Artes visuais

Editor: Luiz Ernesto M. Kawall; redatores, Fernando C. Lemos, Nelson Merlin; diagramação, Celso Marinho.

Bolsa de arte

Quem vai expor Chagall em São Paulo, êste ano? Duas galerias — **A Ponte** e **Portal** — se habilitam à façanha, que requer soma vultosa — pois a exposição só pode vir do exterior já vendida. Quanto à presença do grande artista — considerado por muitos o maior pintor vivo da atualidade — torna-se também difícil, pois Chagall, retirado em Israel, curte avançada idade sem problemas e locomoções maiores. Os entendimentos prosseguem e as galerias citadas tem **cancha** internacional.

Em maio, na **Documenta**, a gestual Wega Nery e suas paisagens abstratas imaginárias; a **Cosme** anunciando quatro exposições: Ianelli, Siron Franco, Maria Bonomi e Silvio Oppenheim. A mostra inaugural da **Portal**, este ano, será "Dez anos de colagens", do jornalista-artista Olney Kruse.

A mancha verde-conto abstrato

O sr. Felippe Cesar escreveu um conto — primeira e única experiência que realizou no gênero — em colaboração com a sra. Camila Cerqueira Cesar. O conto, do gênero policial, em sete capítulos, relata a história de Sardo, o pintor, que mata com um estilete Vitalino, que lhe roubara um quadro. A trama é engenhosa e bem escrita e o conto — publicado no último número do jornal "Auxiliar", do Grupo Bonfiglioli, se intitula "A Mancha Verde — um conto Abstrato". A publicação se faz agora pela primeira vez, mais de um ano depois da morte do sr. Felippe Cesar. E é antecedido por um comentário, da sra. Camila Cerqueira Cesar, autora, dando detalhes da urdidura do conto e da maneira como foi escrito pelos co-autores.

O sr. Felippe Cesar é pseudônimo do artista Aldo Bonadei.

O sr. Felipe Cesar (auto-retrato)

A volta de A. H. Amaral

Antônio Henrique Amaral, depois de uma permanência de dois anos em Nova York, onde gozou o Prêmio de Viagens do Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro, esta de volta a São Paulo e já anuncia uma individual programada para a Galeria Bonfiglioli, na segunda quinzena de março. Serão 15 ou 20 telas marcando o retorno do pintor premiado, com preços de venda — e já há interesse pela sua produção atual, toda ela, ainda variando na temática das bananas — entre Cr$ 7 mil a Cr$ 35 mil. Nos Estados Unidos, Antonio Henrique vendia seus quadros de 700 a 4.200 dólares.

O artista aqui, recontata amigos e os centros de arte, acompanhando com interesse a questão da Bienal, cuja reformulação deve ser total, diz. Visitou o Panorama de Arte Moderna, do MAM, que considerou mostra de alto nível — no campo do desenho e da gravura — e cuja montagem "está realizada com a maior dignidade".

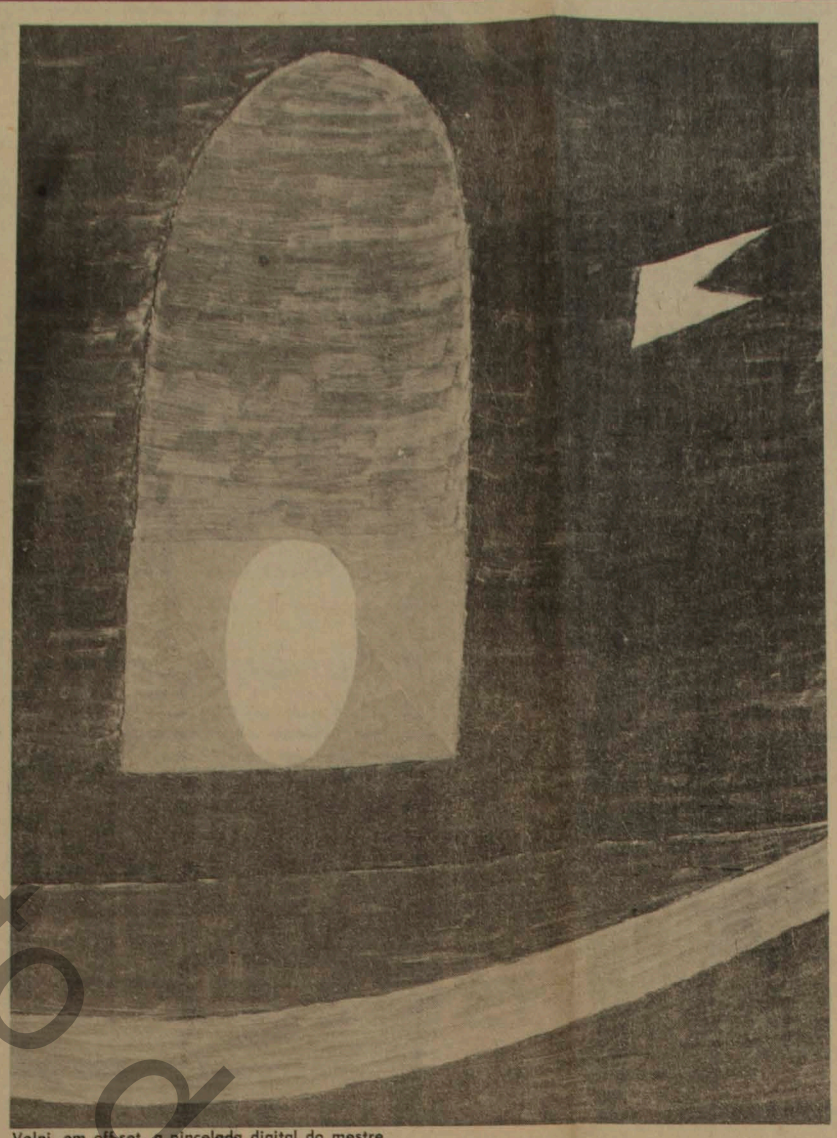
Nos dois anos no exterior, Antonio Henrique fez uma individual na Lee Ault Gallery, em Nova York, e outra na Galeria San Diego, em Bogotá, Colômbia. Ainda êste mês, seis trabalhos seus estão expostos numa coletiva da Lee Ault Gallery, ao lado de Morales, Cortes Alexe W. Horwitt.

Café America!

No MAB, ainda, arte publicitária.

RECOMENDAMOS: Baj, gravuras, Arte Global; Luiz Camargo, trabalhos diversos, Museu de Arte de São Paulo; Arte Publicitária do Brasil e dos Estados Unidos, Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Alvares Penteado; Marino Marini, O Grande Cavalo, escultura, MAC-USP, Ibirapuera.

Artista não tem idade
(Tarsila do Amaral)
ESPADE - CURSOS DE DECORAÇÃO PARA TODAS AS IDADES
Matrículas Abertas
ESPADE
ESCOLA PAULISTA DE ARTE E DECORAÇÃO
Rua Pamplona, 937
Tel: 288-1988 287-5770



Volpi, em off-set, a pincelada digital do mestre

Fiaminghi renova a arte gráfica

ROBERTO RUGIEROFI

Um dos artistas mais inquietos e combativos do importante movimento de Arte Concreta — iniciado em princípios da década de 50 e só agora percebido pelo mercado — Hermelindo Fiaminghi, paulista de 54 anos, é um nome que tem estado sempre na vanguarda da pesquisa e introdução de modernas técnicas de produção gráfica, como artista plástico e como profissional gráfico.

Foi o introdutor entre nós do off-set como linguagem de criação artística. Sob sua orientação a Escola Superior de Propaganda e Marketing de S.Paulo vem editando obras de artistas nacionais de grande significado, utilizando todos os recursos da Litografia em off-set.

A produção das edições gráficas que estão sendo feitas para a Escola Superior de Propaganda e Marketing de S.Paulo está a cargo de Hermelindo Fiaminghi e de mim. Atrás do significado cultural desse trabalho, há um objetivo de cunho beneficente: a Escola vai angariar recursos para construir sua sede própria e ampliar suas atividades. A idéia surgiu entre o Fiaminghi e eu, e foi corajosa e entusiasticamente apoiada pelo diretor-presidente da Escola, Otto Scherb, a despeito da visão cética e conservadora de parte de membros do Conselho.

Várias obras estão sendo editadas e algumas já estão à venda: Dois trabalhos da séria "A Taba" de Rubens Gerchman, obras conceituais e antropológicas, de um dos artistas brasileiros mais respeitados por críticos de vanguarda no exterior.

Volpi tem duas obras editadas, que foram consideradas unanimemente os trabalhos gráficos que mais fielmente registram a linguagem e a pincelada digital do grande mestre.

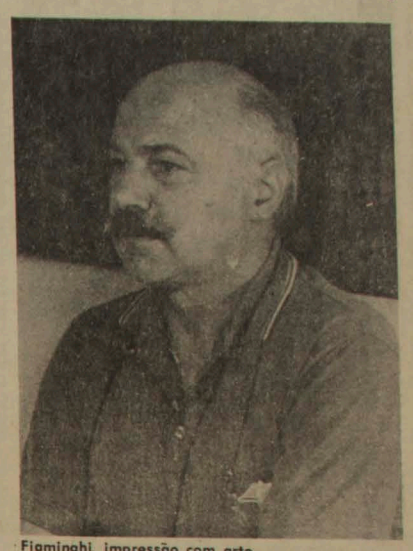
Uma obra ótica de Luis Sacilotto, da fase histórica do Concretismo. Sacilotto, importante pintor e escultor, um dos mais sérios artistas brasileiros da geração de artistas concretos da década de 50.

Duas obras de Otávio Araújo, surrealista brasileiro de posição internacional.

De Evandro Carlos Jardim foi produzido o tema "Cidade", uma alegoria ambígua e poética que representa muito bem a linguagem gráfica desse extraordinário desenhista e gravador paulista.

Tomoshige Kusuno comparece com uma obra fortemente conceitual.

E finalmente Claudio Tozzi, artista jovem dedicado a pesquisas gráficas, largamente utilizadas em seu trabalho serigráfico.



Fiaminghi, impressão com arte

Em fase final de produção obras de Mauricio Nogueira Lima, Roberto Magalhães e obras concretas de Fiaminghi, programadas dentro dos recursos atuais do off-set: seleção computada de cores, cujas transparencias permitem múltiplos de permutações ad infinitum.

Muitos outros artistas estão sendo contratados para novas edições.

A produção dessas edições tem sido possível graças ao espírito de colaboração fora do comum de Lastri S.A., Intercolor e Repro, na produção de fotolitos. A impressão das edições tem o apoio entusiástico das gráficas Brunner, Litografia Mattavelli, Laborgraf e Colibri.

O empenho profissional, por parte dessas empresas e de seus elementos, ultrapassou os níveis habituais de produção e alta qualidade gráfica, atingindo índices de referencia internacional.

A linguagem do off-set

RR — como foi que você chegou ao off-set?

HF — minha experiência como litógrafo vem desde 1936, quando me dediquei à litografia em pedra e em zinco na Companhia Melhoramentos. Fiz isso durante 10 anos. Cheguei ao off-set naturalmente, ao perceber nesse processo todos os recursos para a produção de uma obra de significado e linguagem próprios, absolutamente conteporâneos.

RR — o que vem a ser exatamente o off-set?

HF — O processo off-set é um sistema de impressão gráfica e representa uma evolução da litografia artesanal, a da pedra. Esclarecendo: na lito em pedra o litógrafo executava manualmente os temas a serem impressos. A seleção de cores, nesse caso, era interpretada pelo olho do litógrafo e executada artesanalmente a crayon sobre a superfície granulada da pedra. Quer dizer: para cada cor selecionada era necessário uma pedra. O processo de impressão por off-set se utiliza preliminarmente da execução de fotolitos. Com o desenvolvimento dos processo fotográficos a litografia passou a basear-se nessa evoluçuão tecnológica: a seleção de cores daí por diante passou a ser interpretada pelo "olho" da objetiva, programada pelo homem. Assim, para cada cor selecionada, temos um filme; mas com uma diferença: a gama de cores é conseguida a partir de 3 cores primárias (azul, amarelo e vermelho) e mais o preto para o desenho. Conclui ?se que tanto no processo artesanal como no processo off-set, a validade de uma obra reside simplesmente na maneria como o artista trabalha uma superfície ou outra e em seu conteúdo e significado explícitos.

RR — desde quando existe off-set no Brasil?

HF — como desenvolvimento da gráfica moderna, após uma fase de transição, a litografia em off-set, foi implantada no início da década de 40, numa época de grande evolução gráfica.

quando você sentiu que o off-set poderia ser uma linguagem para as Artes Plásticas?

HF — tenho que voltar bem ao início: como litógrafo sempre tive contato com aartistas plásticos. A todo momento chegavam-me às mãos originais de outros artistas para serem reproduzidos. Sendo pintor desde 1940, sentia que aquele ato de reproduzir uma obra para litografia separava o artista que criava o original dos processos mais diretor de interpretação e execuçã de sua própria obra. Por que ele não a fazia diretamente? Por que era preciso haver o litógrafo? Claro que o artista não era um técnico em litografia. Mas no momento em que pudesse haver uma participação maior do artista na execução, acreditava eu que haveria uma evolução criativa, atingindo-se realmente uma linguagem nova. Uma vez que eu era pintor e ao mesmo tempo, litógrafo, senti que me cabia enveredar por um campo novo.

RR — Como foram sua s primeiras experiências na área de off-set?

HF — começaram como pesquisa em 56/57, época em que, mais maduro como pintor, já integrava o Movimento Concreto. Contudo o off-set era um processo de execuça bastante caro, não me permitiu realizar na época obras que pudessem ser mostradas. Ficaram registradas experimentalmente até 59/60, quando, num atelier cedido por Volpi, pude desenvolver as primeiras películas transparentes, que permitiram a realização das obras denominadas "retículas cor-luz", fusão e difusão da cor por incidência de luz. Essass obras eram óticas e, pels transparencias de cor apresentadas, produziam vibrações no inter-relacionamento das cores, problema que se inseria na linguagem da tendência concreta. Esses trabalhos fora m expostos em 62 na Galeria Novas Tendências em Campinas, Posteriormente foram realizadas obras de maiores dimensões, apresentadas no MAC (1966), no Salão da Eletrobrás, e outros. Essas últimas obras tinham conotações op-pop.

RR — existe um sentido cultural próprio no off-set?

HF — tenho para mim que todas as artes gráficas e plásticas possuem um sentido próprio. Posso concluir que existe um sentido cultural próprio no momento em que o off-set proporciona uma divulgação maior, muito mais extensa, do processo artístico-cultural. A obra produzida em off-set, proporciona uma tiragem maior sem prejuízo da qualidade original. Isto poderá sem dúvida alterar revolucionariamente a divulgação da obra de arte, levando-a a um público que por razões econômicas não tinha acesso a ela.

RR — qual o relacionamento ou as diferenças entre o off-set e as outras técnicas gráficas já utilizadas por outros artistas?

HF — em primeiro lugar, o preconceito. Assim como o moedor manual de café é hoje um elemento de decoração por ser "coisa antiga", do mesmo modeo a litografia em pedra, que antes era utilizada largamene no campo comercial (os primeiros out-doors, todos os cartazes publicitários de 30 anos atrás eram feitos em pedra, com milhares de exemplares), paradosalmente tudo o que é impresso em pedra hoje apssou a "ser obra de carte" simplesmente porque é um artesanato do passado.

Poucos são, no entanto, os que se debruçam sobre uma pedra e fazem arte. O simples fato de ser litografia em pedra não significa que seja uma obra de arte. O mesmo se pode dizer a respeito de outras técninas, a xilo, a gravura em metal, a serigrafia.

É curioso observar que a serigrafia (silk-screen), introduzida dpois do off-set, não sofre o preconceito porque é artesal. Surgiu no Brasil por volta de 45 e não é podada como o off-set porque é artesanal, e se pensa eue tudo que é artesanal é arte. Engeno. Muito artista que se diz evoluído e cirador de arte moderna é na verdade um provinciano fechado em seu mundinho, um xultor de amenidades temeroso de que a tecnologia cenha a abalar seu universinho pscicológico, Paronaidando Oswald de Andrade poderia afirmar que o artista que está na idade da pedra não está se dando conta de que o off-set está na idade da pedrada.

RR — o que o off-set representa de novo nas Artes Plásticas?

HF — em si, nada. Tudo depnde de como você trabalha com o off-sett, com a pedra ou com o silk-screen para fazer a obra. Falando objetivamente do que ela possa representar, diria que poderá regressar uma tendência da Arte para o futuro. desde que sua linguagem pssa ser utilizada sem as limitações do preconceito.

RR — outros artistas já se utilizaram do off-set para produzir obra?

HF — o off-set vem sendo largamente utilizado para reproduções comerciais. Talvez por esse motivo as pessoas pensem que tudo o que é impresso em off-sett é reprodução. É preciso inverter o processo. O artista pode utilizar-se do off-set como meio de expressão, produzindo diretamente sua obra com materiais e elementos técnico — transparencias, filmes, chapas, retículas que lhe permitem auferir de um comportamento na execuçaão, através de uma ação digital autentica, a exemplo dos demais processos de arte gráfica — a pedra, a gravura em metal, axilo o silk-screen, etc. Em resumo, o artista pode trabalhar o filme ou a chapa, assimo como outras superfíies dquando falei do preconceito, não me refeira só a artistas, críticos e donos de galerias. A maioria dos colecionadores ainda tem problemas de afirmação de status perante a obra multiplicada. Alguns dainda preferem uma obra única, ainda que esta seja de qualidade inferior, a uma obra excepcional com muitos exemplares.

Graciano, nosso homem em Paris

— Como se sente, velho caipirão, futuro assessor cultural da Embaixada Brasileira em Paris?

Clovis Graciano arruma os óculos de grossas lentes, ajeita o corpo grande na poltrona do apartamento de Higienópolis, sorve com prazer o velho uisque rótulo preto. Sua resposta é franca e não surpreende quem conheça o neto de imigrantes italianos, pintor humanista, muralista realizado, ex-ferroviário, da Sorocabana, ex-agente fiscal do consumo, ex-editor da década de 40 (Edições Gaveta, que lançou poesias, novelas e teatro de Milliet, Oswald de Andrade, Luis Saya, Carlos Lacerda, Jacinto Passos, Alfredo Mesquita, Vinicius , ilustrados todos por Walter Lewy, Tarsila, Lazar Segall, Carlos Leão, Hilde Weber e Lívio Abramo). Clóvis Graciano responde:

— Vou me sentir muito bem, já morei em Paris dois anos e meio, falo francês, tenho um planejamento cultural para a minha missão, e a promessa de todo apoio possível do Embaixador Delfim Neto, que, como todo mundo sabe, é um amigo sincero das artes e dos artistas... Além do mais, se você sair de Paris, alguns quilometros, dá muito caipira também, na Bretagna, nos cantões ao sul e ao norte, o que aliás é muito bom... Um povo também se faz com as inspirações da legitima cultura expontânea e tradições populares...

— Como aconteceu essa de assessor Cultural em Paris?

— Nunca pensei nisso antes, mesmo quando da nomeação de Delfim Neto, que é meu amigo pessoal, tal coisa não me passou pela cabeça, e, acho, que de ninguém.... Mas o embaixador se lembrou de mim, falou com meu filho Paulo Sérgio — que foi seu auxiliar, aqui e em Nova York — e este me transmitiu o convite... Aí, comecei a pensar no assunto, o que poderia fazer no importante posto, e acabei aceitando.

— Quais os pontos principais de seu plano em Paris?

— Fazer algo diferente, em benefício da nossa arte e da cultura brasileira, tudo muito diferente do que vi por lá. Não só em termos de pintura, gravura, escultura, desenho, muita coisa séria poderemos realizar, nos campos das nossas principais manifestações artísticas, seja do cinema, teatro, literatura, poesia, folclore... Não fazer competitiva a nossa pintura em Paris, eles a tem melhor e de tudo que se faz de vanguarda no mundo... Sei que a Embaixada do Brasil tem uma galeria, que vamos reativar, mostrando aspectos inusitados e importantes das nossas artes.

— Por exemplo...

— ... por exemplo, levar a Paris mostras de nossa escultura e literatura popular, como as carrancas do Rio São Francisco, os ex-votos e a xilogravura nordestina, os livretos de cordel e outras manifestações... Tudo, aliás, será feito de acordo com o nosso embaixador e com o Ministério da Cultura da França... No tempo em que estive lá, de 1949 a 1951, lembro-me de que Malraux cedia o Petit e o Grand Palais para exposições de arte dos países estrangeiros... Vamos ver o que é possível fazer, tornar meu cargo de Assessor Cultural uma assessoria aberta, receber jovens e as suas idéias, criar bolsas de estudo para nossos artistas de nível... Espero também oficiar aos museus de arte e instituições culturais de nossa terra, pedindo sugestões no sentido duma promoção global da cultura brasileira na França.

Em Paris, Graciano com sua cultura e seus pincéis (foto Dulce Carneiro)

Graciano se recorda dos 30 meses que viveu — Prêmio de Viagem do Salão Nacional de Belas Artes — em Paris, com Aparecida e os filhos, Paulo Sergio e José Roberto, então menores. Morou num apartamento na Boulevard Montparnasse, tinha contato diário com artistas e museus, principalmente o Louvre, que visitava por tardes inteiras.

Era a época gloriosa de Picasso, Braque, Matisse, Leger e outros, tendo-os conhecido todos... Braque gravava suas águas-fortes numa oficina que ele também frequentava... De Picasso lembra-me duma viagem que fez até sua vila de Jean Lespin, para entregar ao mestre um manifesto dos artistas brasileiros, a Paloma era recém-nascida. Graciano viu o teatro francês de Louis Jouvet e Jean Cocteau, conheceu Michel Simon... E em Montparnasse e Saint Germain, frequentava a roda dos brasileiros Portinari, Iberê Camargo, Rudá de Andrade, Paulo Emílio Salles Gomes, Scliar... Nas obras dos estudos, das pinturas, e das conversas, fez um curso sobre o papel, no Louvre — da fabricação à impressão — e viajou à Itália, numa recordação fascinante da terra de seus avós e da arte maior de Giotto e Michelangelo.

— Quando viaja a Paris?

— Quero ir logo depois do embaixador Delfim, que, parece, vai agora em fevereiro... Quero acompanhá-lo e ajudá-lo desde o início... Com sua equipe, que, sei, é de primeira linha, vamos debater um planejamento cultural digno e capaz de elevar o bom nome das artes do Brasil na França... Aqueles que me conhecem, sabem que este caipira tem alguma raça quando se empolga com a nossa cultura... Foi assim no Clubinho, no Sindicato dos Artistas, no Grupo Santa Helena, na Família Artística Paulista, em muitos movimentos legítimos e importantes da nossa arte.

Graciano termina dizendo que em Paris não deixará seus pincéis, pintará nem que seja de madrugada.

Lívio expõe em Bruxelas

Lívio Abramo, que está em São Paulo, viaja dia 29 para a Bélgica a fim de expor em Bruxelas, a partir de 5 de março, no Museu Real. O convite da mostra — à qual também concorrem Fayga Ostrover, Marcelo Grassman e Darel, partiu do Itamaraty, numa cooperação ao Ministério das Relações Exteriores da Bélgica.

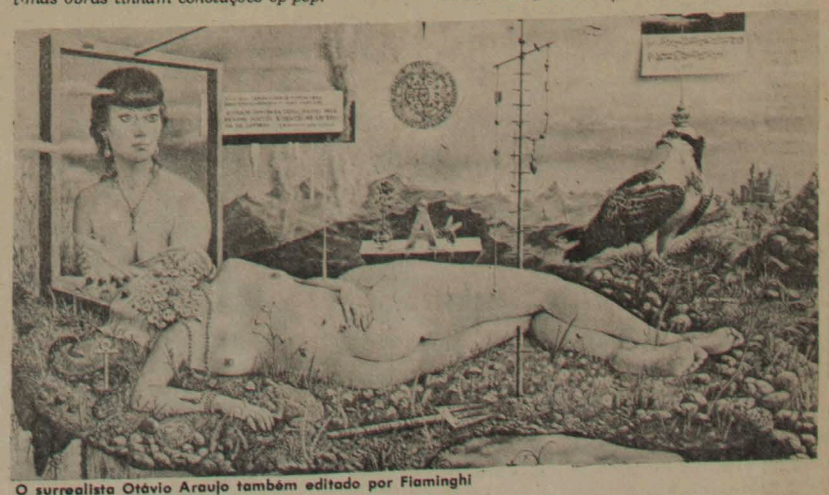
Lívio tem visitado galerias e museus, tendo se manifestado muito favoravelmente à exposição Panorama de Arte Atual Brasileira (Desenho e Gravura), do Museu de Arte Moderna, no Ibirapuera.

De Bruxelas, Lívio Abramo, segue para Paris — num encontro já acertado com o adido cultural brasileiro, Clovis Graciano, e a seguir retorna ao Paraguai, a fim de assumir seu posto cultural junto ao governo daquele país.

Homenagens a Graciano

Em São Paulo, a ida de Clovis Graciano a Paris será festejada e comemorada. No Clube dos Artistas e Amigos da Arte (Clubinho) a presidente Gerda Brentani promoverá homenagem especial, presentes artistas, intelectuais, amigos e familiares de Clovis Graciano.

Também prevista despedida na AAMAM — Associação dos Amigos do Museu de Arte Moderna, ao artista que parte em importante missão.



O surrealista Otávio Araujo também editado por Fiaminghi

Instituto de arte contemporânea